

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — Nova Typographia de Paula Brito — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a corte, e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados, e tambem na praça da Constituição n. 64. Ns. avulsos, 160 rs.

A MARMOTA.

O passado, o presente e o futuro da litteratura.

(Continuação).

III.

E', sem duvida, por este doloroso indifferentismo que a geração actual tem de encontrar numerosas difficuldades na sua peregrinação; contrariedades que, sem abater do todo as tendencias litterarias, todavia podem fatigal-as reduzindo-as a um marasmo apathico, symptoma doloroso de uma decadencia prematura.

No estado actual das cousas, a litteratura não pôde ser perfeitamente um culto, um dogma intellectual, e o litterato não pôde aspirar a uma existencia independente, mas sim tornar-se um homem social, participando dos movimentos da sociedade em que vive e de que depende.

Esta verdade, excepto no jornalismo, verifica-se em qualquer outra forma litteraria. Ora, será possível que assim tenhamos uma litteratura convenientemente desenvolvida? respondemos pela negativa.

Tratemus das tres formas litterarias essenciaes: — o romance, o drama e a poesia.

Ninguem que fór imparcial affirmará a

FOLHETIM.

D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo colonial

PELA INDIGENA DO YPIRANGA.

(Principiou no n. 942.)

Leonardo foi chamado para governar o escalor. Elle estava triste: sua pallidez, que contrastava com o negro de seus olhos expressivos e bellos, dava á sua physionomia o cunho de uma belleza de superior distincção. Suas formas elegantes se retracavam por uma vestimenta de algum luxo para a sua condição. Tinha um calção curto, justo ao corpo, conforme a moda de então, meias que lhe subiam até aos joelhos e sapatos com grandes livellas. Seu gibão de helbutina arroxado com botões de prata cahia lhe negligente dos hombros, deixando á mostra seu bello collete branco que lhe cobria todo o peito. Trazia um chapéo branco de castor, de alis largas que lhe occultava graciosament-

existencia das duas primeiras entre nós; pelo menos, a existencia animada, a existencia que vive, a existencia que se desenvolve faguada o progressiva. Raros, bem raros, se tem dado ao estudo de uma forma tão importante como o romance; apesar mesmo da conveniencia perniciosos com os romances francezes, que discute, applaude e endossa a nossa mocidade, tão pouco escrupulosa de ferir as susceptibilidades nacionaes.

Podiamos aqui assignalar os nomes desses poucos que se tem entregado a um estudo tão importante, mas isso não entra na ordem deste trabalho, pequeno exame generico das nossas letras. Em um trabalho de mais largas dimensões que vamos emprender analysaremos minuciosamente esses vultos de muita importancia de certo para a nossa recente litteratura.

Passando ao drama, ao theatro, é palpavel que a esse respeito somos o povo mais parvo e pobretão entre as nações cultas. Dizer que temos theatro, é negar um facto: dizer que não o temos, é publicar uma vergonha. E todavia assim é. Não somos severos: os factos fallam bem alto. O nosso theatro é um mytho, uma chimera. E nem se diga que queremos que em tão verdes annos nos ergamos á altura da França, a capital da civilização moderna, não! Basta que nos modelemos por aquella renascentista litteratura que floresce em Portugal, inda hontem estremecendo ao impulso das erupções revolucionarias.

parte da cabeça, descobrindo-a de outro lado donde sahiam longos anneis de cabellos pretos e lustrosos, que se espalhavam á vontade pelos hombros. O exterior do manequê era activo e agradável ao mesmo tempo, e ninguem o podia vêr sem sentir-se tocado de admiração. Assim que o joven chegou á praia, apressou-se em offerecer a mão á sua linda senhora, que saltou com graça para dentro da embarcação. O escalor pôz-se a nado, e o tempo sereno que fazia promettia um passeio agradável. Os senhores de Villar e seu hospede entregaram-se ás conversas de seu gosto, e que nunca tinham fim, isto é, a eanumeração de suas ricas possessões, os seus rendimentos, e o que esperavam ainda possuir. Só Leonardo contemplava mudo e tristemente a deusa daquella festa. Elle desejava morrer naquelle momento, diante della, talvez que a sua agonia, a sua morte arrancassem de seus olhos uma lagrima de compaixão — uma lagrima della, por quem elle daria com prazer em troco sua inutil vida! —

Porque causa estava o filho de Iphigenia, triste e com idéas do morte! Ah! é porque o moço amava a donzella de Villar, com toda a força de um coração ingenno, e presentindo sua desgraça, que pela primeira vez co-

Para que estas traducções enervando a nossa scena dramatica? Para que esta inundação de peças francezas, sem o merito da localidade e cheias de equívocos, sensaborões ás vezes, e gallicismos, a fazer recuar o mais denodado *francelho*?

É evidente que é isto a cabeça de Medusa, que enche de terror as tendencias indecisas, e mesmo as resolutas. Mais de uma tentativa terá de certo abortado em face desta verdade pungente, deste facto doloroso.

Mas a quem attribuil-o? Ao povo? O triumpho que obtiveram as commedias do Penna, e do Sr. Macedo, prova o contrario. O povo não é avaro em applaudir e animar as vocações; saber agradal-o, é o essencial.

E' fóra de duvida, pois, que a não existir no povo a causa desse mal, não pôde existir senão nas direcções e empezas. Digam o que quizerem, as direcções influem neste caso. As tentativas dramaticas naufragam diante deste *ezariato* de bastidores, immoral e vergonhoso, pois que tende a obstruir os progressos da arte. A traducção é o elemento dominant, nesse cabos que devia ser a arca santa onde a arte pelos labios dos seus oráculos fallisse ás turbas enthusiasmas e delirantes. Transplantar uma composição dramatica franceza para a nossa lingua, é tarefa de que se incumbem qualquer bipede que entende de letra redonda. O que provém d'ahi? O que se está vendo. A arte tornou-se uma industria; e a parte meia duzia de tentativas

nhecia, sentia a distancia que o separava dessa rica e nobre herdeira, elle, pobre filho de uma *administrada*. Entretanto nunca havia pensado em tal; fruira com delicias a companhia adorada do seu bem-amado, com a simplicidade de um amor fraterno. Somente então, somente naquelle dia, depois que vira a moça sair pela vez primeira de sua casa, para ser apresentada a um estranho, foi que elle descobrio todo o fogo do amor que o abrasava. — Amava-a, como se ama a Deos; amava-a mais do que nunca tinha amado a sua mãe; amava como o primeiro homem teria amado a primeira mulher. . . O que se passava no coração da joven, era mais tranquillo, porém ah! talvez mais pungente! Ella adivinhava as penas de seu amigo, e a idéa de que poderia vir a ser causa de sua morte a horrorisava; porque tambem estranhos presentimentos a atormentavam e opprimiam seu coração. Comparando esse bello moço cheio de graças, de franqueza e de coração puro, com o terrivel coronel que tinha a seu lado, sua alma fugia espavorida de seu peito e ia refugiar-se no seio de seu companheiro de infancia.

Ah! pobres desgraçados que só no céu teriam o premio de tão grande amor! Enquanto

bem succedidas sem duvida, o nosso theatro é uma fabula, uma utopia.

Haverá remedio para a situação? Cremos que sim. Uma reforma dramatica não é difficil neste caso. Ha um meio facil e engenhoso: recorra-se ás operações politicas. A questão é de pura diplomacia; e um golpe de estado litterario não é mais difficil que uma parcella de orçamento. Em termos claros, um tratado sobre direitos de representação reservados, com o appendice de um imposto sobre traducções dramaticas, vem muito appelo. e convém perfeitamente ás necessidades da situação.

Removido este obstaculo, o theatro nacional será uma realidade? Respondemos afirmativamente. A sociedade, Deos louvado! é uma mina a explorar, é um mundo caprichoso, onde o talento pôde descohrir, copiar, analysar, uma alluviaõ de typos e caracteres de todas as cathogorias. Estudem-n'a: eis o que aconselhamos ás vocações da época!

A escola moderna presta-se precisamente ao gôsto da actualidade. *As Mulheres de Marmore — O mundo equivoco — A Dama das Camelias* — agradaram, apesar de traducções. As tentativas do Snr. Alencar tiveram um lisonjeiro successo. Que mais querem? A transformação litteraria social foi exactamente comprehendida pelo povo; e as antigas idéas, os cultos inveterados, vão cahindo á proporção que a reforma se realisa. Qual é o homem de gosto que atura no seculo XIX uma *punhalada* insulsa *tragicamente* administrada, ou os trocadilhos sensaborões da antiga farça?

Não divaguemos mais; a questão está toda neste ponto. Removidos os obstaculos que impedem a criação do theatro nacional, as vocações dramaticas devem estudar a escola moderna. Se uma parte do povo está ainda afferrada ás antigas idéas, cumpre ao talento educal-a, chamal-a á esphera das idéas novas, das reformas, dos principios dominantes. E' assim que o theatro nascerá e viverá; é assim que se hade construir um edificio de proporções tão collossaes e de um futuro tão grandioso. MACHADO D'ASSIS. ✓

paixões tão diversas dominavam os differentes viajantes deste passioo maritimo, o hote singrava as aguas velozmente, puxado pelos possantes remeiros que o faziam correr, de sorte que se achavam já bem longe de terra. De repente conheceram que estavam em frente da — *Illa do Mel*.

Um desembarque ali foi proposto e acciuto, e a merenda servida em uma gruta maravilha do lugar. No momento em que Leonardo dando a mão á D. Narcisa saltava com ella em terra, os gemidos agudos de uma coruja se fizeram ouvir, e de repente os brados penetrantes do *Menino queimado* (1) fizeram arripiar os cabellos dos recém-chegados.

— Oh! disse o militar, máo lugar escolhemos! Viemos invadir os estados deste po-

(1) Nome vulgar que a gente do paiz dá a uma ave nocturna, e pretende ser ella de máo agouro, assim como a coruja. O — menino queimado — é o phantasma com que as amas mettem medo ás crianças por isso ninguém o ouve sem muito pavor. É um passaro preto e de pequeno tamanho, porém como o pyralampo e le se torna de noite todo illuminado e emtão fica do tamanho d'um pavão, é magrelo e sublimo vel-o tomando diversas nuanças. Sua cauda é um bello penacho de fogo ardente, quando sacode as penas e deixa cahir algumas não entra tantas fúscas inflammadas que laça na sua passagem. Tem um grito que assusta aos homens mais corajosos, quando o encontram nas

OPERA NACIONAL.

O Sr. — E. Ribas — fazendo o seu beneficio Sabbado 24 de abril, escolheu para elle a muito jocosa comedia em 2 actos

A volta de Columella.

Para que os nossos leitores, que quizerem obsequiar o Sr. Ribas assistindo ao espectáculo em seu favor, melhor apreciem a escolla por elle feita; aqui publicamos algumas das passagens de tão jocosa composição.

Ducto do 1.º acto.

AURELIO.

Ver de novo o patrio céu!
Que prazer! que sensação!
Ver os olhos do bem seu!
Que maior consolação?!
Nisto, ah! nisto o só pensar
Faz-me todo extasiar!

COLUMELLA.

Ver a venda em que bebeu,
Quanto allegra ao heherrão!
Lembra então, que alli se encheu
O copazio, o canjirão!

Na verdade, eu da bebida
Fui amante em toda a vida:
Na taverna o só pensar,
Faz-me todo extasiar!

Cavatina da Dama.

ELISA.

Bella se abrija a rosa
Aos matinaes albosos,
Toda vencendo as flores
Com seu suave odôr:

Mas por iroso vento
De folhas foi despida,
E sem belleza e vida
Ficou no espinho a flôr.

Esqueçamos um ingrato,
Um perjuro enganador!
Esquecer o amor primeiro?!
Ah! não posso com effeito
Ail risca! o do men peito
Mais possivel já não é.

vo alado, que se offende com a nossa visita. Irral calam n'alma os brados que dão!

— Grande é a força do habito, Sr. coronel, disse o cavalheiro. V. S. se horrorisa deste grasnar selvagem, e para nós nem ao menos o percebemos.

— Que ave é aquella?

— E' um passaro nocturno bem singular. Pensam as velhas que elle é de máo agouro: todavia, tenho notado que elles são mais numerosos e augmentam sua gritaria na vespuras de grandes tempestades. Porém neste momento, é a surpresa que lhes causamos que os faz grasnar: regularmente elles só se deixam ouvir de noute.

O coronel mais socegado entrou na gruta, onde sobre a relva natural que a cobria haviam servido um rico copo d'agua; e os vinhos generosos da Adêga do *Homem grande* (2) o matias: é um brado extenso e prolongado desde o ré agudo, descendo nota por nota até o ré grave, onde faz uma cadencia de um ronquenho medonho. Mr. de Saint Hilaire quando visou pela provincia de S. Paulo, muito appreciou esta ave. Estou certa, que elle se não esqueceria de a mencionar em suas interessantes e scientificas memorias, que offereco á Illustre Academia de Paris, resultado de sua affanosa viagem ao Brasil.

(2) Costuma assim chamar as pessoas opulentas aqu'la boa gente de viver tão simples.

Inda lembro esses momentos
Em que tanto eu me alegrava,
Mas agora em mil tormentos
Vivo em triste, acerba dor!

Carta de Columella.

« Adeos minha passada primavera:
« Eu do outono passei para o verão;
« E, no grande calor dessa estação,
« Com outra me casei, tão linda que era!
« Tem paciencia, pois, se me retrato
« Do amor que te jurei, minha Serpina:
« E se eu procurei bota mais fina,
« Procura para ti melhor sapato.

A aria de Alberto, o ducto de Alberto e Elisa, a aria de Aurelio, o ducto de Serpente e Columella, o rondó final &c, são de muito gôsto, sobresahindo a tudo isto a graça de Columella (o Sr. Ribas) em tudo quanto diz o faz.

O libreto, completo, vende-se nas lojas de Paula Brito, praça da constituição n. 64, e rua do Cano 44. Preço 500 rs.

— Pedimos, em favor do beneficiado, todo o auxilio do bemfazejo publico, que deve em tudo e por tudo animar esta nascente — OPERA NACIONAL.

Canticos Funebres

DO

SR. DR. MAGALHÃES.

MYSTERIO VIII.

A Fg.º.

Esportaneo acordar da intelligencia!
Aurora da razão! Oh fé divinal!
Tu não és inimiga da sciencia!

E's a estrella do céu que a illumina,
Quando já pela duvida caçada,
Sem achar o que busca, a fronte inclina.

Quando, do sol na ausencia, sepultada
Na noite a terra fica, outro se accende
Calmo cyrio dos homens na pousada.

sabor delicado de doces de fructos do paiz, assim como a amenidade da tarde tão serena nesse dia, o suave cheiro de trepadeiras silvestres que embalsamavam a atmospherada dessa ilha encantadora, tudo isto fêz desaparecer da espirito do militar a impressão desagradavel que recebera ao chegar. Quando voltaram á casa, era já ella noite. D. Narcisa recolheu-se aos seus aposentos muito triste e commovida; tinha visto Leonardo quasi desfallecer quando presentio uma vez o coronel sentado perto della. Ao desembarque, o hospede offerecera-lhe o braço para saltar á praia; ella havia recusado, porque o seu amigo de infancia corria para ella tão ligeiro como o veado de nossas matias, e lhe offerecera a mão. Essa mão estava convulsa, e suas feições estavam decompostas. E sobretudo, elle dirigia ao coronel olhares tão singulares que a donzella estremeccia só de o pensar. — Porque será tudo isto? pensava consigo a joven; terá elle adivinhado o desgosto que me causa esse homem?... cheia de uma cruel incertza, deitou-se logo, queixando-se de leve indisposição; a sua alma, porém, era a que mais soffria!

(Continúa.)

Sempre uma luz das trevas nos defende;
Se falta a da sciencia reflectida,
Da fé directa a chamma a nós se estende.

Ella nos vem de Deos, fonte de vida,
Que nenhuma alma aqui mandou sem guia
Longe dos olhos seus, vagar perdida.

Porque nesta de provas dura via
Regeitar orgulhoso essa luz pura,
Que da vida os mysterios alumia?

Se evidente a verdade não fulgura,
A Fé a suppre; assim mãe vigilante
O teu filho pela mão segura.

Caminhar ella o deixa vacillante
Só para o exercitar; mas carinhosa,
Se o vê cair, o alça ao peito amante.

Oh doce Fé! oh luz mysteriosa!
Tu me elevas a Deos! por ti eu creio
Que minha alma será no céo ditosa.

Já, na patria eternal, donde ella veio
Ganhar no mundo do martyrio a palma,
Irá viver, do mal sem mais receio.

La, p'ra sempre feliz, irá minh'alma
Ver as almas dos filhos meus queridos,
Por quem chorando minh'alma dor se acalma.

Lá, meus pais, meus irmãos nunca esquecidos
Todos esses amigos, por quem choro,
Por mim orando estão compadecidos.

Por ti, ó Fé, a perda que deploro
Reparada será; por ti meu sonho
E' a prelibação do bem que adoro.

Por ti o mundo tétrico e medonho
Exilio passageiro me parece,
Alem do qual o céo se abre risonho.

Chamma ardente da Fé! meu peito aquece;
Mostra-me sempre os filhos meus amados
Vivendo nessa luz que não fallece.

Gratos sonhos do céo a mim baixados
Compensem da vigilia os amargores;
Veja eu sonhando os filhos meus chorados.

Sonho eu sempre co'os meus caros amores!
E tu, ó Fé, os raios teus dardejui,
Da duvida fulmina os vãos temores,
E beata por ti minh'alma seja.

EPITAPHIOS

SOBRE AS CAMPAS DOS MEUS TRES FILHOS

Domingos, Luiz, e Floriano.

I.

Da gloria eterna na mansão sagrada
Em paz dezança, oh filho meu querido!
Anjo, pede dos anjos na morada
Por teus pais que tão cedo te hão perdido.

NAPLES

II.

Um anjo Deos o fez tão bello e puro
Que deixal-o na terra não podia;
Mas ai dos pais a quem o golpe duro
Roubou as esperanças e a alegria.

NAPLES.

III.

Melhor estás no céo, donde haixeste
Para dar a teus pais lugaz ventura.
Ai de nós, Anjo meu, que nos deixaste
Chorando neste valle de amargura!

TURIN.

FIM.

As violetas.

I.

Ha esquisitas predestinações na vida! Eis aqui um exemplo, que se poderia crer fabricado de proposito para corroborar nossa asserção, se não fosse da mais escrupulosa exactidão.

Maria de La Ville-Houtiers tinha cinco annos; era uma encantadora menina de compridos cabellos louros, que em anneis fluctuavam por sobre um collo de alvura apenas acreditavel; em seus olhos azues se observava a viveza propria de sua idade, mas essa viveza era acompanhada de um certo que de madureza que fazia pasmar, e seu rosto radiante denotava a travessura e uma intelligencia precoce.

Sua mãe, a condessa Amicie, casada com o conde Urbano de La Ville-Houtiers, passava com justeza pela mulher mais bonita de Paris, e os frequentadores habituaes de alguns salões que ainda se conservam abertos no bairro da S. Germano, depois da revolução de 1830, se recordam ainda da sensação profunda que sentiam as pessoas presentes com a entrada triumphante da condessa.

Não deixava todas essas vezes de succeder um murmuro de louvores e admiração como hymno festival a ella dirigido.

Em 1835, a baroneza Strocchini, alliada á familia dos Pozzuoli, uma das mais consideraveis de Roma, era a unica mulher cuja reputação de belleza podia ser comparada á sua, e, depois da partida desta ultima, cuja estada em Paris foi de curta duração, a Sra. de La Ville Houtiers ficou sem rival.

Como é facil de suppôr, esta rara belleza trazia á condessa numerosas homenagens; mas, acostumada a ouvir todos os dias zumbir em seus ouvidos protestos de amor e juramentos ardentes de grande paixão, ella escutava tudo com benevolencia, mas nada respondia.

Entretanto, entre seus adoradores mais apaixonados, havia um, cujo espirito atilado e a perfeita distincção de maneiras não passaram despercebidos pela condessa.

Era o Sr. de Haelles, type do verdadeiro gentilhomen e personificação do amor ardente, apaixonado, cavalheresco.

O Sr. Haelles tinha vinte e oito annos, e suas aventuras com algumas senhoras de alta classe, o faziam considerer no mundo, como um homem perigoso para o repouso dos maridos.

No momento em que ia triumphar da continuaz resistencia que lhe oppunha a Sra. de La Ville Houtiers, um impedimento imprevisto veio contrariar seus projectos: recebeu de seu ministro ordem de seguir para Francfort como encarregado de embaixada.

Ora, na ante-vespera de sua partida, o Sr. Haelles se achava no pequeno salão da Sra. de La Ville Houtiers, e, em pé, junto della, declarava-se vivamente á condessa, que, commovida e fora de si, brincava entre seus dedos rosados com um ramo de violetas e recusava a declaração tão ardentemente implorada.

— Minha senhora, exclamou o Sr. Haelles, já que V. Ex. não quer deixar cabir de seus labios a palavra que me tornaria o mais feliz dos mortaes, dê-me esse ramo que tomarei por esta resposta: «Sim, eu vos amo!»

— Mas é uma loucura!

— Este ramo, senhora, é de joelhos que lhe peço.

E o Sr. de Haelles tinha tomado as flores que a mão da condessa tinha timidamente offertado, e as cobrio de beijos phreneticos.

No mesmo instante, a porta abrio-se e o conde de La Ville Houtiers entrou, precedido da encantadora menina.

O Sr. de Haelles não teve tempo de occultar o ramo entre seu peito e a casaca.

O conde apercebendo o mancebo, franziu o sobr'olho, e esdudando-o cortezmente, dirigio-se para a recreira.

A condessa continha a custo as palpitações de seu coração.

— Mamã, disse Maria, fazendo um momo repassado de graça; que fez vossê do raminho de violetas que Miguel colheu esta manhã no jardim?

— Não sei, minha filha; está no meu quarto, parece-me.

— Ah! disse Maria subtilmente.

Depois, obedecendo á mobilidade de pensamentos particulares á infancia:

— Sr. de Haelles, disse ao moço; quer provar dos meus confeitos de amendoas?

E apresentou, sorrindo ingenuamente, sua caixinha ao cavalheiro, que para lhe fazer a vontade, tirou um.

Durante este tempo, a maligna menina aspirando o odor da violeta, introduziu destratamente sua mãozinha por entre o chale e o vestido e tirou subtilmente o ramo, manifestando o prazer que experimentava por ter feito aquella travessura.

— Ah! eu o reconheço, disse saltando de prazer. E' o ramo de violetas de mamã; o senhor tinha-o tomado della!

A Sra. de La Ville Houtiers desmaiou.

No dia seguinte a esta scena, o conde batia-se á pistola com o Sr. de Haelles, a quem lhe partio o braço.

II.

Em 1847, a familia de La Ville Houtiers reentrava em França, e occupava o castello de Puyrnol. Maria tinha dezasete annos e estava prometida a seu primo Heitor de Kerbec, joven official de marinha distincto, de volta da Índia, havia tres semanas.

O proximo casamento dos dons moços ficou parado, porque Heitor manifestou a intenção de fazer uma viagem a Paris, a qual devia durar apenas alguns dias, mas sobre o motivo elly lavava-se.

A insistencia que desenvolvia para satisfazer este desejo contrariou Maria. Entretanto ella acompanhou-o em seu bota-fórã até á cerca do parque, fazendo elle prometter-lhe que voltaria brevemente.

Já se dispunha a entrar em casa, quando fixando os olhos n'um banco de relva, sobre que estivera assentada junto a seu primo pela madrugada, notou que, no lugar por elle occupado, havia um papel dobrado em fórma de carta e parecendo conter um objecto qualquer.

Ella o tomou, e por muito tempo conservou-o entre as mãos, virando e mirando sem animar-se a abri-lo; finalmente a curiosidade impellio-a; desdobrou-o e dentro encontrou um ramo de violetas secas.

Dois linhas estavam escriptas na sobre-capá.

«Eu sou viuva, remeteci-me o ramo que ainda deveis ter conservado e minha mão será vossa.»

A leitura deste bilhete, Maria sentio seu coração apertar-se como para despedaçar-se; o fim da viagem estava claramente demonstrado e, sem mais tardar, correu a declarar

a seu pai que nunca mais veria o Sr. de Kerbec.

O conde escreveu ao moço dando-lhe parte da resolução de sua filha.

Heitor, contristado com a noticia desta esquisito capricho, tratou de o combater: embarcou-se, depois de ter feito conhecer a sua prima que nada havia a censurar-lhe, não a perda de uma carta e de um ramo pertencentes a um de seus camaradas, morto ha pouco, o que estava encarregado de remetter a uma pessoa que lhe tinha sido designada.

Maria deplorou sua desastrada supposição, mas já era muito tarde; o navio *Magnanimo* que trouxera Heitor, vogava com as velas inchadas para Madagascar, onde elle não devia chegar.

III

Por espaço de seis annos ella julgou-se a causa da morte de seu primo, mas a pobre menina não sabia que, sem o querer, fôra culpada duas vezes, e hem males causara não passando de instrumento. O tempo tinha pouco a pouco cicatrizado a chaga aberta em seu coração, e em 1853 se publicava os banhos de casamento do Sr. Marcello de Chatelieu com D. Maria de Ville Houtiers, na igreja de S. Sulpicio.

A cerimonia estava fixada para o dia 15 de junho, e esta data era impacientemente esperada pelos jovens que se amavam com igual paixão!

A 5 do mesmo mez lia-se, nos jornaes de Paris, sob o titulo de

Noticias d'iversas.

« Não haverá um meio de fazer despertar a execução da ordenança policial que prohibe o collocar-se sobre os parapetos das janellas caixas, vasos e outros objectos? Ainda hontem um triste acontecimento teve lugar na rua da Paz, que lançou a consternação em todo o bairro. Uma rajada de vento tendo bruscamente fechado a janella de uma mansarda, um vaso de flores, cheio de terra, onde havia algumas violetas, cahio á calçada vindo partir-se sobre a cabeça de uma moça de rara belleza, que, acompanhada de um homem já idoso, que parecia ser seu pai, sahiam de um carro e dirigiam-se a uma modista. A victima desta desgraça da occurrencia deu um grito de dor e desmaiou, quando a ergueram, era um cadaver. »

O jornal dizia a verdade. A joven era Maria de La Ville Houtiers, que pouco antes tinha sabido com seu pai da casa da rua de Varennes, que devia abrir suas portas para recebê-la depois de casada.

As violetas tinham sido fataes á moça desde sua infancia.

(TRAD. POR BRAULIO CORDEIRO.)

LIÇÕES

DA ESCRIPTURA SAGRADA
OU VIDA DE
JESUS CHRISTO

posta em versos simples, e adequados á comprehensão dos meninos e meninas offerecidos por

UMA FLUMINENSE.

(Continuação. Principio no n. 907).

Morte de S. João.

Finalmente se apresenta
Uma boa occasião
Em que a perdida Herodia
Cumpra a nefanda traição.

Nos paços do rei Herodes
Grande festa se fazia;
A corte e toda a nobreza
De toda parte affluia.

A bella filha do rei
Com tanta graça dançou,
Que a Herodes e convidados
Em grande excesso agradou.

Influido, enthusiastado,
A moça assim diz o rei:
Pedi tudo o que quizerdes,
Que nada vos negarei.

Sim juro que mesmo sendo
De meu grã reino a metade,
Vos darei, ó filha amada,
Com real sinceridade.

Então a joven, sabindo,
A sua mãe perguntou
O que pedir deveria;
E ella assim lhe tornou:

Pedi-lhe de João Baptista
A cabeça appetecida;
A filha tornando ao Pai
Diz-lhe toda delambada:

O que quero, amado Pai,
Sem demora, e neste instante,
E' desse João Baptista
A cabeça intolerante.

Herodes contrariou-se
Com pedido tão tyranno;
Mas como tinha jurado,
Accedou, o deshumano!

E a um soldo do ordenou
A malvada execução,
Que logo teve lugar
Sobre o Santo na prisão.

E dentro d'uma hancía
Trouxe a cabeça sagrada
A moça, que a foi levar
A' mãe cruel e malvada!

Os discipulos sabendo
Do triste fim de João,
Vieram buscar seu corpo
Com summa veneração.

E a Jesus foram levar
A nova triste e fatal,
Que sobre a terra infeliz
Trazia tão grande mal.

E de Jesus milagroso,
Ouvindo Herodes fallar,
Dizia á João Baptista
Que vem de resuscitar.

Elias é, dizem outros:
Outros que antigo propheta;
E assim da inteira verdade
Ninguem chegar pôde á meta.

Anecdotes de embriaguez.

O cavallo na adega.

— Um cavallo tendo cabido em uma adega passou nessa occasião um embriagado, que parou para ver o espectaculo. Um dos homens da casa vendo as difficuldades com que tinha de lutar, disse para os outros: como havemos de tirar agora o cavallo desta adega? — Em garrafas, responderon o bêbado, dando uma risada com muito gosto!

Os tres desejos.

Depois de virarem os copos muitas vezes tres beberrões tiveram os tres seguintes desejos:

Eu quizera, disse o primeiro, ser *Jupiter* para fulminar raios contra todos os envenenadores do mundo.

Eu, disse o segundo, quizera ser *Baccho*, para estar assentado dia e noite sobre uma pipa.

E eu, disse o terceiro, quizera ser a *Fama* não para cantar a gloria por cem tubos, mas para ter o gosto de beber por cem bocas!

O vinho em todas as linguas.

Uma cousa notavel é que o vinho é quasi sempre o mesmo em todas as linguas. Em grego *vinos*, em latim *vinum*, em arabe *caïnon*, em allemão *weinem*, em inglez *wine*, em portuguez *vinho*, e assim por diante.

Resposta de um oculista.

— Um camponez indo procurar um celebre oculista, e achando-o á mesa comendo e bebendo, perguntou-lhe:

— O que heide fazer, Dr., para ficar bom destes meus olhos?

— Abster-se de beber vinho.

— Vejo porém, que V. S. bebe e come soffrivelmente, e que nem por isso seus olhos estão lá melhores do que os meus.

— Isso é por que eu gosto mais de beber que de curar.

Charada.

Venho de longe bem man
Mas não nos basta o exemplo: 1
Isto faz qualquer beata.
Quando entra em algum Templo . . 2
CONCHITO.

Femenino nome proprio,
D'entre os facéis e singellos
Com elle ja visto eu tenho,
Originaes e bem bellos.

A charada do n. antecedente é: — *Bagatella*.

THEATRO MODERNO.

De Lisbon.

A 3.ª SERIE COMPÕE-SE DA
Modesta.
Ha tantas assim! . . .
A Namorada do Principe.
Abençoada diabrura.
A Escola social.
A Fada.

Vende-se nas lojas de Paula Brito, praça da Constituição n. 64 e rua do Cano n. 44.
Preço, 25000.

CHÁ

BOM E BARATO

NA

Loja de Paula Brito

N. 64

Praça da Constituição

onde tambem se vende

Letras e papel sellado

POR CONTRA O GOVERNO.

Typographias de Paula Brito
Rua do Cano n. 44 e praça da Constituição n. 64.